

A Autonomia da Mulher Contemporânea e as Novas Configurações de Relacionamentos

The Autonomy of Contemporary Woman and the New Configurations of Relationships

La autonomía de la mujer contemporánea y las nuevas configuraciones de las relaciones

Eduardo Ferreira do Amaral Filho

*(Mestre em Saúde Pública/ENSP-FIOCRUZ.
Contato: eduamarafilho@hotmail.com)*

Natalia Alberoni Bastos

*(Psicóloga e Psicanalista.
Contato:nataliaalberoni@hotmail.com)*

Gigliane de Azevedo Machado Fravoline

*(Psicóloga.
Contato:gigliannefravoline@gmail.com)*

Resumo: O principal objetivo deste artigo é elucidar como a independência econômica e sexual da mulher tem proporcionado novas configurações de relacionamentos, abordando ainda o papel do autoconhecimento nesse momento de emancipação feminina. Para isto, objetivou-se abordar a independência econômica e sexual da mulher relacionando-as; situar o lugar da mulher nas novas configurações de relacionamentos, apontando ainda as possíveis contribuições da Psicologia para constituição desse novo lugar; e por fim, apontar as possíveis influências da independência feminina para o lugar da mulher contemporânea em seus relacionamentos. A metodologia utilizada neste artigo é a revisão bibliográfica, resultado de uma pesquisa de autores clássicos e de novos artigos sobre o tema para uma melhor compreensão e elucidação dos conceitos aqui abordados. O presente artigo aborda a relação entre as formas de independência – sexual e econômica – da mulher na atual sociedade, assim como analisa as possíveis contribuições da psicologia para o lugar da mulher autônoma nas novas configurações de relacionamento, e por fim aponta as possíveis influências dessa emancipação nas escolhas de relacionamentos dessas mulheres autônomas. Considera-se necessário lembrar a importância do autoconhecimento para a conquista da emancipação feminina e que todas as mudanças sociais só têm sido possíveis porque as mulheres estão se movimentando em direção à sua autonomia.

Palavras-chaves: Emancipação feminina; autonomia; autoconhecimento; novos relacionamentos.

Abstract: The main objective of this article is to elucidate how the economic and sexual independence of woman has provided new configurations of relationships, also addressing the role of self-knowledge in this moment of female emancipation. For this, the purpose was to approach the economic and sexual independence of women, relating them; situate the place of women in the new configurations of relationships, also pointing out the possible contributions of Psychology to the constitution of this new place; and finally, pointing out the possible influences of female independence for the place of contemporary women in their relationships. The methodology used in this article is the bibliographic review, the result of a survey of classic authors and new articles on the subject for a better understanding and elucidation of the concepts discussed here. This article discusses the relationship between the forms of independence - sexual and economic - of women in today's society, as well as analyzing the possible contributions of psychology to the place of autonomous women in new relationship configurations, and finally points out the possible influences of this emancipation in the relationship choices of these autonomous women. It is considered necessary to remember the importance of self-knowledge for the achievement of female emancipation and that all social changes have only been possible because women are moving towards their autonomy.

Keywords: Female emancipation; autonomy; self-knowledge; new relationships.

Resumen: El objetivo principal de este artículo es dilucidar cómo la independencia económica y sexual de las mujeres ha proporcionado nuevas configuraciones de relaciones, abordando también el papel del autoconocimiento en este momento de emancipación femenina. Para ello, el objetivo fue abordar la independencia económica y sexual de las mujeres relacionándolas; situar el lugar de la mujer en las nuevas configuraciones de relaciones, señalando también los posibles aportes de la Psicología a la constitución de este nuevo lugar; y finalmente, señalar las posibles influencias de la independencia femenina para el lugar de la mujer contemporánea en sus relaciones. La metodología utilizada en este artículo es la revisión bibliográfica, resultado de una encuesta de autores clásicos y nuevos artículos sobre el tema para una mejor comprensión y elucidación de los conceptos aquí discutidos. Este artículo aborda la relación entre las formas de independencia - sexual y económica - de las mujeres en la sociedad actual, además de analizar los posibles aportes de la psicología al lugar de las mujeres autónomas en las nuevas configuraciones relacionales, y finalmente señala las posibles influencias de esta emancipación en las opciones de relación de estas mujeres autónomas. Se considera necesario recordar la importancia del autoconocimiento para el logro de la emancipación femenina y que todos los cambios sociales solo han sido posibles porque las mujeres avanzan hacia su autonomía.

Palabras llave: Emancipación femenina; autonomía; conocimiento de sí mismo; nuevas relaciones

1. Introdução

Este artigo versa sobre a independência econômica e sexual da mulher contemporânea, relacionando o tema às novas configurações de relacionamentos, abordando ainda o papel do autoconhecimento nesse momento de emancipação feminina. É importante trazer para a discussão o impacto que essa autonomia recém adquirida por parte das mulheres tem ocasionado em diversas esferas sociais, culminando na esfera de relacionamentos, visto que a partir de um árduo caminho pelo autoconhecimento, cada vez mais mulheres têm mais liberdade e poder de escolha sobre suas próprias vidas. Abordar este tema se faz necessário porque hoje, com todo o movimento e espaços ganhos através da luta feminista, cada vez mais mulheres buscam por sua autonomia. Autonomia esta que implica grandes mudanças na organização social e também psíquica, não só das mulheres, mas da sociedade como um todo.

Este trabalho se destina a psicólogos e estudantes de Psicologia que se interessam pelo tema da emancipação feminina, assim como a todas as mulheres que estão percorrendo seu caminho em direção à autonomia. A Psicologia pode embasar o desenvolvimento dessa autonomia, que de certa forma aponta um viés para a mulher mostrando outras possibilidades de existir, mantendo seus desejos e sua singularidade nessa sociedade padronizada de hoje. O artigo também serve aos homens para que possam entender e participar, de forma cooperativa, dessa nova configuração social que a independência e liberdade feminina vêm demarcando.

A metodologia utilizada neste artigo é a revisão bibliográfica, resultado de uma pesquisa de autores clássicos e de novos artigos sobre o tema, para que haja uma melhor compreensão e elucidação dos conceitos aqui abordados sobre a prática cotidiana. A revisão bibliográfica aqui proposta é uma recapitulação de autores para elaboração de ideias e hipóteses próprias formadas durante o estudo e análise dos textos (MINAYO, 2014).

O principal objetivo deste artigo é elucidar como a independência econômica e sexual da mulher tem proporcionado novas configurações de relacionamentos. Para isto, objetivou-se abordar a independência econômica e

sexual da mulher, relacionando-as; situar o lugar da mulher nas novas configurações de relacionamentos, apontando ainda as possíveis contribuições da Psicologia para constituição desse novo lugar; e por fim, apontar as possíveis influências da independência feminina para o lugar da mulher contemporânea em seus relacionamentos.

Para guiar a leitura deste artigo o mesmo se encontra disposto em três seções. Na primeira seção, de título A Independência Econômica e Sexual da Mulher na Sociedade Contemporânea, se aborda a relação entre essas formas de independência na atual sociedade; na segunda seção é analisado o lugar dessa mulher autônoma nas novas configurações de relacionamentos e como a Psicologia pode contribuir para constituição desse lugar, no que se chama “As Possíveis Contribuições da Psicologia para a Constituição de um Novo Lugar”; por fim, a seção “A Emancipação da Mulher e as Novas Configurações de Relacionamentos” aponta as possíveis influências dessa emancipação nas escolhas de relacionamentos dessas mulheres.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A Independência Econômica e Sexual da Mulher na Sociedade Contemporânea

Desde o início da civilização, a mulher vive num sistema opressor que a obriga viver submissa e a seguir regras ditadas pelos homens, o patriarcado. Apesar das grandes conquistas ao longo da história, as mulheres antes ocupavam um lugar quase periférico na sociedade, sempre às voltas das necessidades e desejos dos homens. Como aponta Lins e Braga (2005), as mulheres sofriam, desde os primórdios, inúmeros tipos de abusos e humilhações constantes; eram menosprezadas em seus valores e características como ser humano sendo vistas apenas como objeto de prazer para os homens.

A figura masculina era considerada imprescindível e extremamente necessária na vida de uma mulher, já que a possibilidade de autonomia e sustento era ligada diretamente ao homem. O casamento era o trabalho da mulher na sociedade antiga, tendo como obrigação cuidar da casa, de seu

marido e dos filhos - o que também se configurava como mais uma função da mulher: a de procriadora, a fim de garantir herdeiros para o homem.

Diante disso, é possível notar que o sexo para mulher servia apenas para reprodução sem qualquer possibilidade de prazer, já que este não era só desconhecido, mas completamente ignorado. Simone de Beauvoir confirma esses fatos dizendo:

A mulher, casando-se, recebe como feudo uma parcela do mundo; garantias legais a protegerem contra os caprichos do homem; mas ela torna-se vassala dele. Economicamente ele é o chefe da comunidade, é, portanto, ele quem a encarna aos olhos da sociedade. Ele toma-lhe o nome, associa-se a seu culto, integra-se em sua classe, em seu meio; pertence à família dele, fica sendo sua 'metade'. Segue para onde o trabalho dele a chama; é essencialmente de acordo com o lugar em que ele trabalha que se fixa o domicílio conjugal; mais ou menos brutalmente ela rompe com o passado, é anexada ao universo do esposo, dá a ele sua pessoa, deve a ele a virgindade e uma fidelidade rigorosa (BEAUVOIR, Simone: 2016, p.189)

O casamento era uma espécie de garantia da herança e hereditariedade dos filhos, a mulher por sua vez, era tratada como um objeto que não podia externar seus desejos e vontades e deveria apenas cumprir com suas obrigações como esposa e dona do lar. A mulher cabia apenas a criação dos filhos e o cuidado com a casa, não podia aspirar possuir algum trabalho e suas opiniões em relação a assuntos fora dessa esfera não era levada em conta. Simone de Beauvoir (2016) ainda deixa explícito que o casamento, era um contrato que muitas das vezes era acordado pelo pai da mulher e pelo seu futuro esposo, sendo preciso ressaltar ainda que ela não tinha direito de escolher com quem se casaria, já que essa união geralmente era feita levando em conta apenas os interesses econômicos e sociais de sua família. Desse modo, ela se tornaria "propriedade" desse novo homem, ao qual ela seria submissa e dependente economicamente já que seria através desse casamento que ela conquistaria uma posição de respeito e aceitação na sociedade e garantiria seu sustento.

Como foi visto, a mulher naquela época era obrigada a ser submissa e passiva para agradar e ser respeitada pela sociedade. Nesse contexto, Kolontai afirma que:

Estamos acostumados a valorizar a mulher não como personalidade, com qualidades e defeitos individuais, independentemente de suas sensações psicofisiológicas. Para nós, a mulher só tem valor como acessório do homem. O homem, marido ou amante, projeta sobre a mulher sua luz; é a ele e não a ela que tomamos em consideração como verdadeiro elemento determinante da estrutura espiritual e moral da mulher. Em troca, quando valorizamos a personalidade do homem, fazemos por antecipação uma total abstração de seus atos no que diz respeito às relações sexuais. A personalidade da mulher, ao contrário, valoriza-se em relação à sua vida sexual (KOLONTAI, 2011, p.33).

No entanto, aos poucos essas mulheres foram acumulando insatisfações e questionamentos sobre esse lugar inferiorizado que ocupavam, e então foram percebendo que não eram objetos a serem usados por outros, mas sim seres com vontades e desejos que estavam sendo negligenciados. De acordo com Lins (2019), a mulher começa então a se questionar se a felicidade realmente está ligada a se relacionar com o homem, e é a partir de meados do século XX que a mulher começa a se levantar contra à opressão desse sistema. O advento da pílula anticoncepcional foi essencial para a conquista da independência sexual dessas mulheres, uma vez que ele possibilitou a descoberta do prazer feminino no sexo, e para além disso, permitiu que elas começassem a ter direito de escolha sobre o próprio corpo. A autora ainda complementa que:

A mulher ser capaz de dividir o poder econômico com o homem e ter filhos se quiser e quando quiser é a transformação radical que comanda todas as outras subsequentes. Porém, a modificação da maneira de pensar não atinge a todas as pessoas ao mesmo tempo, e é por isso que encontramos anseios e comportamentos tão diversos num mesmo grupo social (LINS, 2017, p. 133).

A liberdade econômica da mulher é significativa uma vez que a mulher em determinado momento percebe que não precisa de um homem para ter seu sustento e se fazer submissa a ele. Simone de Beauvoir (2016) afirma isso quando diz que é pelo trabalho que a mulher se faz presente e prova que está no mesmo patamar que o homem; e que o trabalho é uma forma de se sentir segura e ter uma liberdade concreta, ao contrário de quando as mesmas se casavam para ter essa liberdade, elas passam a conquistar a própria liberdade, deixando de serem tratadas como parasitas e sem haver necessidade de uma presença masculina para que se imponham perante a sociedade.

Quando a liberdade econômica é conquistada, interligada a ela, alcança-se a liberdade sexual. Antes a mulher era obrigada a somente dar prazer para

seu marido e não reconhecia seus próprios prazeres e desejos, acreditando que o sexo tinha o único propósito de reprodução. Quando ela se vê livre dessa carreira de ter que ser a esposa perfeita e submissa, ela se descobre como a mulher que também sente e que tem o direito de escolha. Segundo Lins (1998) a revolução sexual trouxe bastantes mudanças para a sociedade, a mulher casada parou de se abster em sentir prazer com seu marido e a mulher solteira não se sentia tão pressionada a manter sua virgindade.

Perante a isso, a satisfação sexual da mulher passou a ser de suma importância para dar continuidade a qualquer tipo de relacionamento romântico. Foi com o advento da pílula anticoncepcional que, aos poucos, a ideia de que o sexo servia apenas à procriação para mulher foi sendo desfeita e, a partir de então, o sexo foi ligado ao prazer e ao poder de escolha desta – se queria ter filhos ou não e com quem.

Como consequência desse marco histórico, a mulher se perpetua na área de trabalho, uma vez que agora pode demandar mais tempo para si mesma e aos seus objetivos, ganhando seu espaço e força para a luta em busca de igualdade social e se libertando, aos poucos, das amarras do sistema patriarcal.

2.2. As Possíveis Contribuições da Psicologia para a Constituição de um Novo Lugar

O sistema patriarcal ganhou força e se consolidou com o modo de vida estabelecido pelo sistema capitalista (FONSECA, 2000; SAFFIOTI, 2001; TOLEDO, 2003 apud NARVAZ & KOLLER, 2006). O patriarcado e o capitalismo constituem dois fatores sociais que possibilitam e reforçam o estado de dominação e submissão das mulheres.

Kolontai (2011) argumenta que o desenvolvimento social e psicológico, tanto de homens quanto de mulheres, está diretamente ligado às transformações que estruturam as condições econômicas da sociedade. No entanto, é inegável que tais transformações e desenvolvimento ocorrem de maneira relativa a cada gênero, uma vez que os sistemas que regem a sociedade hoje são responsáveis pelo controle do corpo feminino. É possível observar que toda a estrutura social e econômica se desenvolve de acordo com os interesses dos homens, fato que

é até mesmo compreensível quando se analisa que o sistema econômico regente foi desenvolvido por eles. Não obstante, partindo do princípio de que a história da humanidade está em constante transformação e de que as estruturas econômicas exercem um importante papel para que isso aconteça, Lins (2019) afirma que é possível perceber que estamos vivendo um período de transição, já que aos poucos as lutas feministas vem demandando espaço e direitos nesse sistema, e onde a base do patriarcado, que por muito tempo se viu incontestável, está sendo desarmada justamente pelos seus objetos de opressão: as mulheres.

Por muito tempo as mulheres ocuparam esse lugar onde eram vistas de forma depreciativa e tidas como incapazes de gerirem a própria vida. Como consequência eram excluídas e tratadas de forma desigual nas esferas sociais e econômicas. Nesse sentido, é preciso ressaltar que sua posição de inferioridade era reforçada e normalizada nos âmbitos sociais.

Simone de Beauvoir (2016) pontua que as mulheres, tomando parte num sistema que por muito tempo cerceou suas realizações, conseguiram caminhar rumo à sua independência através do espaço conquistado no mercado de trabalho. realizando uma conquista única e de forma surpreendente ocupando lugares considerados impossíveis para uma mulher. Segundo Lins (1998), depois de terem, por mais de séculos, o homem como seu provedor e única fonte de sustento neste mundo capitalista, as mulheres finalmente conseguem segurar uma parcela de sua liberdade provando finalmente que eram tão importantes quanto necessárias para realização de funções antes exercidas apenas pelos homens, que faziam questão de deixar explícito sua insatisfação.

O movimento de emancipação das mulheres, iniciado há mais de 40 anos, incentivou a procura por uma profissão na qual ela se sentisse realizada, podendo provar a sua capacidade de produção no mercado de trabalho em que estava inserida. Esse trabalho possibilitaria, então, o seu autossustento e a sua independência econômica, promovendo elementares mudanças sociais. Tais conquistas já mostravam o caminho para a liberdade que estava por vir, ainda que de forma incipiente. As mulheres passam a ser livres para usarem seu dinheiro, conquistado pelo trabalho, como bem entenderem sem ter que prestar satisfações a nenhum homem, se transformaram em mulheres independentes

que, aos poucos, estão descobrindo seu potencial e suas capacidades, antes minados pelo velho patriarcado.

Não obstante, Beauvoir (2016) alega que a despeito da independência financeira conquistada, a mulher ainda se vê presa nas amarras sociais e psicológicas criadas pelo patriarcado. A escolha de buscar o seu lugar no mundo traz consigo uma sensação muito particular para si naquele momento onde ela rompia com todos os princípios até então considerados padrões, o que ela não presumia era a complexidade dessas amarras enraizadas no solo de uma sociedade tão excludente. Em vista disso, Kolontai faz a seguinte análise:

A situação da mulher que trabalha se complica ainda mais com a maternidade, é suficiente determo-nos na biografia das mulheres que se distinguiram na vida para convencermo-nos do conflito inevitável entre o amor e a maternidade, por um lado, e a profissão e a vocação, por outro. [...] A solução para este complicado problema só é possível mediante uma reeducação fundamental de nossa psicologia, reeducação esta que, por sua vez, só é possível por uma transformação de todas as bases sociais que condicionam o conteúdo moral da Humanidade (KOLONTAI, 2011, p.34-35).

Uma mulher economicamente independente não é necessariamente uma mulher livre, uma vez que, desde seu nascimento, ela não é ensinada a se sentir dona de si mesma e de seu universo. Afinal desde seu nascimento a menina é socializada tendo suas ações e escolhas cerceadas de forma a mantê-la domada dentro de sua feminilidade, recebendo desde muito nova incentivos para se manter dentro desse padrão de comportamento, como por exemplo os brinquedos de casinha, maquiagens e bonecas, de forma a despertar o desejo pela maternidade. Lins (2019) contribui argumentando que a mulher, ao contrário do homem, não é encorajada desde nova em direção à liberdade, à confiança e à autonomia.

Com a evolução das suas relações interpessoais surgem na mulher um sentimento de dúvida quanto as suas habilidades e qualificações; por consequência, quando o ensejo por independência se mostra palpável, ela se depara com alguns questionamentos: o que lhe foi ensinado durante muito tempo que está internalizado, com o que ela viu nas relações de convívio e no que realmente ela deseja para si mesma, deste modo, sem uma rede de apoio, ela corre o risco de retornar ao estado anterior de subordinação a que foi condicionada.

Posto que a sociedade instituiu que a mulher feminina é aquela que se faz submissa, uma dócil presa, renunciando sua posição como sujeito de si, Lins diz que “a mulher feminina renuncia a partes do seu eu” (p.144, 2019) e que por isso não pode ser autônoma, uma vez que para isto é necessária uma completude de ser. Ao passo que Beauvoir argumenta que “renunciar sua feminilidade é renunciar uma parte de sua humanidade” (p.506, 2016). As duas autoras explicitam uma cisão psicológica na mulher que é naturalizada pela sociedade e que é causadora de grande sofrimento, uma vez que alimenta a angústia de estar sempre tentando se encaixar nos moldes para ser aceita, mesmo que essa aceitação seja impossível de ser completa.

Na visão das autoras, o que se pode apreender é que em um determinado momento a sociedade dividiu a mulher em duas, obrigando a ambas, tanto a que quer ser autônoma quanto a que quer performar sua feminilidade, a mutilar uma parte de si para assim ser aceita. Ao que Beauvoir (2016) contribuiu afirmando que é essa cisão o grande conflito psicológico que impede a mulher contemporânea de conquistar sua total autonomia.

Os estudos de Kolontai (2011) ajudam a clarificar o impacto dessa cisão ao sinalizar que os conceitos de feminilidade e do que é ser mulher, incutidos por tantos séculos de opressão e dominação moral, fazem com que a mulher contemporânea que deseja se libertar completamente hesite em dar o passo para cruzar a linha que a delimita. Ela assinala que apenas o fator econômico não é o suficiente para que ocorra a emancipação feminina. Segundo Kolontai, é necessário que haja uma reeducação da psicologia da mulher, “é preciso que se abram para a mulher as múltiplas portas da vida” (KOLONTAI, 2011, p. 41).

É preciso reeducar a mulher para que aprenda a valorizar sua força e conhecer suas vontades, para que assim seja restituída de confiança e coragem para se colocar no mundo como dona de si e de sua existência. Para Beauvoir (2016), a mulher, principiante nesse novo mundo conquistado por ela, ainda está ocupada em se encontrar. A autora argumenta que:

As restrições que a educação e os costumes impõem à mulher limitam seu domínio sobre o universo. Quando o combate para conquistar um lugar neste mundo é demasiado rude, não se pode pensar em dele sair; ora, é preciso primeiramente emergir dele numa soberana solidão, se se quer tentar reaprende-lo: o que falta primeiramente à mulher é fazer, na angústia e no orgulho, o

aprendizado de seu desamparo e de sua transcendência (Beauvoir, 2016, p.536).

Rinne (2017) reforça essa concepção de cisão psicológica ao dizer que a mulher se vê dividida entre o desejo de alcançar a sua independência e liberdade e o peso cultural do que lhe foi ensinado durante séculos sobre qual é o seu papel na sociedade. Isto posto, Torres (2016) permite constatar que uma das formas de alcançar a assimilação desses aspectos conflitantes é através do processo de autoconhecimento, uma imersão para dentro de si cujo objetivo primordial é o encontro da totalidade de ser. As mulheres ao longo do tempo foram forçadas a deixar partes de si mesmas pelo caminho para que pudessem constituir um espaço pequeno na sociedade, e a passagem pelo autoconhecimento é um processo de aceitação, de reconhecimento e reconexão com o que se deixou perder. Nessa perspectiva Lins acrescenta:

A submissão aos padrões sociais estabelecidos é aceita, para evitar o desprazer da tensão empregada na construção de uma existência autônoma. Num processo de crescimento emocional, é necessário se aprender a lidar com a falta, o desamparo inevitável da condição humana e, percebendo as próprias singularidades, buscar uma convivência harmônica consigo mesmo. (LINS, 2019, p.227)

Torres (2016) explica que o caminho do autoconhecimento ou individuação pode ser custoso e desagradável, mas é por intermédio dele que se chega num estado de auto percebimento, autointegração e assim, autotransformação. O autor aponta que o Ser Indiviso é caracterizado por ter seus objetivos de vida indo ao encontro do seu sentido de ser, podendo se perceber como um indivíduo autêntico e consciente de sua integralidade. Lins contribui afirmando que:

Uma de nossas maiores necessidades, em termos de desenvolvimento, é a autonomia. Desde que aprendemos a engatinhar, trilhamos os traiçoeiros caminhos da independência numa tentativa de equilibrar nossa necessidade fundamental de ligação com a de experimentar o que somos capazes de fazer. (LINS, 2017, P.65)

Koltuv (2017) contribui com os estudos sobre o autoconhecimento ao dissertar em seu livro sobre as qualidades de movimento, de ação, de escolha e de decisão do ego feminino individualizado.

Em vista disso, Olga Rinne (2017) conclui que uma mulher que atravessa o caminho do autoconhecimento não mais se divide nem se mutila, pois é capaz de gerir todos os seus aspectos, e mais, de aceitá-los e de entendê-los como parte de um todo integrado. O autoconhecimento adquirido gera uma afirmação da sua postura frente aos obstáculos que a vida de uma mulher impõe. Nesse sentido, a análise de Beauvoir (2016) ajuda a perceber esse movimento de integração feminina ao dizer que estamos caminhando para um equilíbrio, visto que hoje uma mulher que se dedica ao seu trabalho não necessariamente renega sua feminilidade nem seus desejos sexuais.

O psicólogo Jadir Machado Lessa (2003) contribui para os estudos da importância do autoconhecimento para as transformações sociais ao dizer que o conhecimento de si mesmo provoca mudanças internas que culminam numa auto evolução. Esta, por sua vez, serve de combustível para modificar todo o sistema de relações externas que atravessam o ser humano. Uma mulher consciente de suas possibilidades conquista um novo olhar sobre si mesma e sobre o mundo; ela compreende toda sua personalidade e não se vê mais na posição de mutilar alguma parte sua para que possa ser aceita: possui agora a coragem para ser ela mesma em sua totalidade. Liberta de condicionamentos antigos, a mulher autônoma vê em seu caminho novas possibilidades de ser, de saber, de conhecer e de se relacionar no mundo. Assim ela está pronta para aprender a assumir um papel de dona de si, o qual nunca havia sido validado.

Por fim, a psicologia pode contribuir para a constituição de um novo lugar para a mulher contemporânea, posto que, como argumenta Lessa (2003), a autoaceitação, a autonomia e o percebimento de si são a tônica para as mudanças necessárias na construção de relacionamentos autênticos com o outro, baseados na apropriação e integração de sua individualidade.

Quando a mulher consegue construir e manter relacionamentos com o outro de forma segura, consciente e prazerosa, ela constata a importância de no passado ter lutado e conquistado esse lugar. Com essa postura crítica e

consciente, fruto do autoconhecimento, ela procura estabelecer relações mais saudáveis e livres com as pessoas de seu convívio.

2.3 A Emancipação da Mulher e as Novas Configurações de Relacionamentos

A partir da emancipação econômica e sexual decorrente dos movimentos feministas contra a cultura do patriarcado, Lins (2019) pontua que as mulheres começaram a questionar o papel que foi imposto a elas pela sociedade, se dispondo cada vez menos a se moldar de acordo com as exigências masculinas. Por conseguinte, não mais aceitavam ocupar esse lugar de servidão e começaram a almejar ocupar espaços onde poderiam ser ouvidas e vistas, sem serem reduzidas ao seu sexo.

Esses questionamentos trouxeram grandes mudanças no comportamento de mulheres e também de homens em relação à divisão dos papéis femininos e masculinos.

A escritora francesa, Virginie Despentes (2016), analisa que, apesar do grande apelo à uma “ditadura estética” e do esforço para feminizar um corpo, em nenhum outro momento da civilização houve uma sociedade em que a circulação corporal e intelectual da mulher fosse tão livre como hoje. A essa afirmação, Lins (2019) contribui pontuando que no presente momento a mulher busca ocupar espaços que antes só poderiam ser cogitados pelos homens, passam a ter direito a educação e conseqüentemente a profissões antes ditas masculinas. Cada vez mais reivindicam seus direitos a um salário igualitário, lutando para pôr fim a uma divisão sexual que prejudica tanto a elas quanto também aos homens.

As transformações que a luta feminista trouxe para a posição da mulher frente à sociedade, como a escolaridade e um emprego com renda, marcam mudanças definitivas não só no comportamento social de todos os sujeitos, mas também nos costumes sexuais (GONÇALVES, 2007).

Para além disso, todo esse movimento feminino em direção às mudanças sociais deu forças as mulheres para que não mais se mantenham caladas diante das agressões físicas e psicológicas sofridas dentro de relacionamentos abusivos.

Lins (2019) salienta que cada vez mais mulheres tomam posse de sua liberdade e passam a questionar as crenças culturais seculares de que devem reprimir seus desejos de vida, de relacionamentos e também suas necessidades sexuais. Refutam a ideia de que para serem completas precisam estar com um homem e, assim, – confrontando o que Judith Butler (2018) chamou de “heterossexualidade compulsória” – começam a abrir caminhos na sociedade para novos formatos de relações afetivo-sexuais. A autora complementa ainda que:

O condicionamento cultural a que estamos submetidos impede a autonomia e a liberdade de escolha quando indica apenas um caminho para o amor. A crença de que uma relação amorosa estável e duradoura com uma pessoa só seja a única saída para o desamparo humano é limitadora e gera muita infelicidade. (LINS, 2019, p. 238)

Nos últimos tempos, gradualmente os objetivos das mulheres se modificam e tem como alvo o desenvolvimento da sua individualidade, a exploração da sua sexualidade e o conhecimento de suas possibilidades como sujeito autônomo e liberto das amarras da opressão. Com isso, não se satisfazem mais a ficarem presas em relações insatisfatórias e que não agreguem valores importantes em suas vidas (LINS, 2017). A expectativa de uma relação conjugal e do tempo de duração desta diminuiu, acrescenta Gonçalves (2007), uma vez que o advento do movimento feminista trouxe inúmeras possibilidades de lazeres, outras opções de relacionamentos e oportunidades de explorar seus interesses, sem contar numa maior flexibilidade para experimentar situações antes nunca cogitadas.

É importante dizer que com uma maior escolaridade e um trabalho que possibilita uma renda, a mulher contemporânea não tem necessidade de entrar numa vida conjugal tão cedo, como fazia em tempos antigos, e dessa forma pode desenvolver uma identidade para além daquela criada há anos da boa mãe e da esposa dócil. Essas mulheres que caminham em direção à autonomia têm maiores condições de objetar as regras tradicionais de relacionamentos (HERTRICH e LOCOH, 2004, apud GONÇALVES, 2007). Simone de Beauvoir clarifica mais essa liberdade e desejo que permeiam a mulher autônoma dizendo que:

Uma mulher que despende suas energias, que tem responsabilidades, que conhece a dureza da luta contra as resistências do mundo, tem necessidade – como o homem – não somente de satisfazer seus desejos físicos como ainda de conhecer o relaxamento, a diversão, que oferecem aventuras sexuais felizes (BEAUVOIR, 2016, p. 510).

Segundo Lins (2017), todas essas transformações psicossocioeconômicas permitem que as mulheres possam transitar com maior fluidez e liberdade pelos relacionamentos e por isso conseguem sair de casamentos abusivos, podendo divorciar-se e estarem abertas para descobrirem novas escolhas. Gonçalves (2007) complementa alegando que quanto maior a autonomia de uma mulher, maior é o seu poder de decisão sobre sua própria vida; quanto mais integradas em si mesmas e conhecedoras de seus desejos, mais capazes se tornam de romper com estigmas e estereótipos que as mantinham em relações de dominação e submissão.

A partir dessa nova perspectiva, o casamento já não é mais uma necessidade social e econômica, acaba se tornando um “pesado fardo”, como aponta Lins (2019), já que, por muitas vezes, impossibilita a realização de projetos e desejos individuais. A autora destaca que no ocidente é cada vez maior o número de solteiros e de pessoas que vivem juntas sem se atarem a instituição do casamento. O modelo tradicional de família formado por um casal e seus filhos está perdendo campo para novas formas de união, como por exemplo, a de famílias com um único genitor, geralmente mães solteiras que decidiram por ter e criar seus filhos sozinhas.

Para Lins (2019), aquelas que decidem não mais manter e visar uma relação como o casamento e escolhem viver sós, descobrem inúmeras outras possibilidades de se realizarem, seja profissionalmente ou amorosamente. A psicanalista demonstra que novas formas de amar são possíveis e que estar sozinho é uma delas. Ela diz que graças a maior liberdade sexual e econômica, hoje as mulheres podem optar por viverem sós, mantendo sua individualidade e independência, e mesmo assim terem uma vida sexual ativa, com um ou mais parceiros/parceiras. Além disso, ela aponta que a realização profissional, o foco em projetos pessoais e também o círculo de amigos são fatores que ganharam tanta, senão maior, importância do que manter uma relação a dois.

Gonçalves (2007) salienta que as noções, pejorativas e antigas, de que uma mulher que escolhe viver fora de uma relação conjugal tradicional é solitária, infeliz e “autossuficiente” contrasta com o fato de que a individualidade desta é desejada e planejada de acordo com as suas necessidades e sua condição de existência. Diz ainda que a escolha de viver só é apenas uma entre outras muitas conquistadas pela mulher que se faz independente e autônoma. Lins (2017) exemplifica as novas formas de relação afetivo-sexual que mulheres e homens têm optado por viver, como o sexo casual, a relação a três, relacionamentos abertos, o poliamor assim como as relações livres, os encontros e namoros esporádicos e bem como relacionamentos virtuais. Segundo Gikovate (2005), essas formas de se relacionar têm em comum o desejo de manter uma vida individualizada e singular, são relações que acrescentam prazer, diversão e leveza e que permitem a evolução particular dos envolvidos, onde não há espaço para o antigo pensamento de “fusão de metades” em que era esperado abrir mão de uma parte de si mesmo para estar com o outro. O autor sinaliza que as mulheres e também os homens, sabendo-se inteiros e completos, buscam agora relacionamentos mais independentes onde o principal fator é o respeito pela liberdade e pela identidade do outro.

As novas configurações de relacionamentos só se tornaram viáveis hoje, lembra Lins (2017), porque as mulheres começaram a se movimentar em direção aos seus direitos, tornando possível a tomada de seu poder econômico e a sua capacidade de decidir se e quando querem ter filhos. A independência econômica e sexual das mulheres foram os pilares que tornaram possíveis todas as outras transformações sociais subsequentes. A isto, Simone de Beauvoir reforça:

[...] produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim a que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropriam, põe à prova sua responsabilidade (BEAUVOIR, 2016, p.503).

A vista de tudo o que foi exposto, a ativista Eve Ensler corrobora a importância das conquistas feministas e do fim da cultura patriarcal ao afirmar que “se não tem mulher, não tem futuro, ora” (ENSLER, 2018, p. 135).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liberdade econômica e sexual da mulher é de suma importância, pois assim ela é capaz de se colocar no mundo como sujeito e satisfazer seus desejos e suas próprias vontades, deixando de ser um fantoche para o homem que até então era seu “dono” e a pessoa a quem essa quase devia a própria vida. A mulher consegue conquistar sua liberdade de sentir e de ter prazer ao invés de só se dedicar ao prazer do homem, se livrando das amarras sociais as quais sempre a rodearam. Quando a mulher deixa de se doar e consegue perceber que através de suas lutas é possível não ser só um objeto de prazer e nem uma espécie de robô da sociedade, ela não se priva mais do seu direito ao gozo. E essa conquista é dada através do empenho da mulher em sua luta a se opor a opressão e também do progresso do advento da pílula anticoncepcional. É desta forma que a mulher se integra a sociedade se mostrando suficiente para não depender das regras criadas pelos homens.

Por muitos séculos a mulher se viu aprisionada a regras ditadas sobre como deveria se portar em sociedade: uma sociedade patriarcal que a oprimiu e atribuiu seu valor a mera coadjuvante do homem, tendo sua existência em segundo plano. As lutas feministas possibilitaram o movimento da mulher em direção à sua liberdade econômica e sexual, fatos que trouxeram grandes mudanças para a organização da sociedade como a conhecemos hoje.

No entanto, essa liberdade é minada pelas amarras psicológicas em que a mulher se encontra devido aos muitos anos de opressão e submissão. Foi visto que as mulheres não são incentivadas desde novas a serem donas de si mesmas, a buscarem sua liberdade e autonomia, e nem a explorarem e confiarem em suas potencialidades. As autoras citadas no texto argumentam que a sociedade promoveu, com a divisão de papéis masculinos e femininos, a mutilação das mulheres: por um lado, só se pode ser uma mulher autônoma caso se renuncie a tudo o que é considerado feminino, uma vez que características como força, virilidade, racionalidade, inteligência e poder de ação são consideradas atributos exclusivamente masculinos.

Por outro lado, para que uma mulher seja considerada feminina, ela deve abrir mão de seus direitos conquistados pela independência econômica e sexual,

uma vez que para se encaixar na feminilidade ela dever ser dócil, sempre educada e recatada, sem jamais dar muita vazão aos seus desejos e necessidades de prazer.

A psicologia traz para essa equação um fator de extrema importância: o autoconhecimento. É através dele que as mulheres hoje podem ser capazes de recuperar sua integralidade. Apenas movendo o olhar para dentro de si, conhecendo a si mesmas e entrando em contato com todas as partes de sua personalidade é que elas conseguem se autotransformar e com isso aceitar todas as suas particularidades e individualidades. O autoconhecimento permite que as mulheres reencontrem e entrem em contato com toda a sua potencialidade de ser, é atravessando o caminho da individuação que a mulher consegue integrar tudo o que a faz ser quem é.

O autoconhecimento contribui para o desenvolvimento psicológico da mulher na medida em que disponibiliza a ela o reconhecimento de sua identidade, possibilitando sua autopercepção e dessa forma, a percepção de como se constrói na sociedade e de como é percebida por esta.

É a partir dessa integração psicológica que a mulher se torna capaz de desfazer, cada vez mais, as amarras sociais que a colocaram em um lugar onde tudo o que a faz ser quem é, é descredibilizado e renegado. O autoconhecimento dá à mulher a força que ela precisa para se tornar, além de independente, um sujeito autônomo e capaz de fazer escolhas por si só, que transformam não só elas mesmas, mas toda a estrutura social.

Junto com toda essa luta e todas as possibilidades que a mulher alcançou através do autoconhecimento, vem atrelado a liberdade da mulher de poder se relacionar de formas antes vistas como impossíveis, como, por exemplo, o êxito de não ser obrigada a sustentar um relacionamento abusivo, ou um relacionamento que não agrega em sua vida, tendo o direito ao divórcio ou a escolha de viver “sozinha”. O direito à educação, o poder de se colocar em lugares que anteriormente só podiam ser ocupados por homens, a luta para conquistar a igualdade salarial e as experiências que não poderiam ser vivenciadas por elas são fatores que possibilitaram a conquista da sua autonomia e de suas novas escolhas afetivas e sexuais.

A autonomia da mulher viabiliza não só a ela assim como aos homens novas configurações de relacionamento, como duas pessoas viverem juntas sem ter a obrigação do casamento, ou uma nova forma de ser uma família através de um único genitor, que optam por criar seus filhos sozinhos. Hoje uma mulher não precisa estar em uma relação estável para satisfazer suas necessidades sexuais, uma vez que estas têm optado por relacionamentos esporádicos e encontros casuais.

A tendência da sociedade é que cada vez mais pessoas escolham seus relacionamentos onde o respeito pela individualidade dos envolvidos seja máximo, uma vez que a busca pela autonomia possibilita relações livres onde não é dever se “fazer metade” para se encaixar no outro, trazendo para esses novos relacionamentos a leveza e a completude de ser um sujeito inteiro. É o que Lins afirma ao observar que:

De uns tempos para cá vem diminuindo muito a disposição das pessoas para sacrifícios. A maioria busca desenvolver ao máximo suas possibilidades e sua individualidade, evitando manter relações insatisfatórias. Afinal, há muito a ser vivido. O movimento de emancipação feminina e a liberação sexual dos anos 1960 trouxeram mudanças profundas na expectativa de permanência de uma relação conjugal. Surgiram muitas opções de lazer, para desenvolver interesses vários, para conhecer outras pessoas e outros lugares. Sem falar numa maior permissividade social para novas experimentações, antes nunca ousadas. [...] É inegável que aumenta o número dos que buscam relacionamentos amorosos distantes dos padrões tradicionais (LINS, 2017, p.130).

É necessário lembrar a importância do autoconhecimento para a conquista da emancipação feminina e que todas essas mudanças sociais só têm sido possíveis porque as mulheres estão se movimentando em direção à sua autonomia.

4. REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: a experiência vivida, volume 2/** Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, J. P. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade** /Judith Butler; tradução de Renato Aguiar – 16º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

- DESPENTES, V. **Teoria King Kong** / Virginie Despentes; tradução Marcia Bechara. – São Paulo: n-1 edições, 2016.
- ENSLER, E. **Os monólogos da vagina**/ Eve Ensler; tradução Ana Guadalupe. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Globo livros, 2018.
- GIKOVATE, F. **Ensaio sobre o amor e a solidão**. MG Editores, 2005.
- GONÇALVES, E. et al. **Vidas no singular: noções sobre "mulheres sós" no Brasil contemporâneo**. 2007.
- KOLLONTAI, A. **A nova mulher e moral sexual** / Alexandra Kolontai. – 2. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- KOLTUV, B. B. **O Livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal**. São Paulo: Cultrix, 2017. – (Coleção biblioteca psicologia e mito)
- LESSA, J. M. **Solidão e Liberdade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: SAEP Ed., 2003.
- Lins, R. N. **A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo** / Regina Navarro Lins. – [12ª Ed.] – Rio de Janeiro: *Best Seller*, 2019.
- _____. **Na cabeceira da cama** / Regina Navarro Lins – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **Novas Formas de Amar** / Regina Navarro Lins – São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.
- LINS,R.;BRAGA, F. **O livro de ouro do sexo**. In: O livro de ouro do sexo. 2005.
- Minayo, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. /Maria Cecília de Souza Minayo. – 14.ed.- São Paulo: Hucitec, 2014.
- NARVAZ, M; KOLLER, S. H. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. **Psicologia & sociedade**. São Paulo. Vol. 18, n. 1,(jan./abr. 2006), p. 49-55., 2006.
- RINNE, O. **Medeia: A Redenção do Feminino Sombrio como símbolo de dignidade e sabedoria** / Olga Rinne; tradução Margite Martincic, Daniel Camarinha da Silva. – 2. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2017. (Coleção Biblioteca Psicologia e Mito.)
- TORRES, C. **O autoconhecimento como método específico na busca de nosso centro**. Salvador, BA: III Simpósio Nacional sobre Consciência, 2016.